

O LUGAR DO COTIDIANO NO TEATRO

Tatiana Kaori Honda (tatianakaoril@gmail.com)

Ariane Guerra Barros (arianebarros@ufgd.edu.br)

Davi Da Rocha Lima (rocha_davi@outlook.com)

Aline Silva Vieira (alinesilvavieira@outlook.com)

Maria Luiza Machado Dos Reis (marialuizamachadodosreis@hotmail.com)

Ana Carolina De Sousa Silva (cs21630@gmail.com)

O objetivo da pesquisa foi investigar o lugar do cotidiano dentro do universo teatral, e nosso intuito foi observar ações cotidianas como estímulo para a criação cênica. O cotidiano enquanto conceituação teórica, baseado em Michel de Certeau (A Invenção do Cotidiano, 2012) pode reverberar na prática artística, pois as práticas cotidianas se reinventam no próprio fazer diário, em ações corriqueiras. Pesquisando as seguintes ações inscritas no dia-a-dia: tomar banho, escovar os dentes e lavar as mãos, e abarcando também a pandemia (2020-2021) - principalmente na última ação descrita -, tentamos ampliar essas práticas diárias, percebendo que o hábito e o cotidiano já foram conscientes e intencionais em algum momento. Dentro deste íterim, notamos a relação entre repetição e tempo, relação que utilizamos diversas vezes no teatro; seja para decorar textos, marcações de personagens, ou buscarmos uma “lapidação” na atuação. Para a cena, portanto, utilizamos como matéria-prima este cotidiano, transposto em ações corriqueiras, extrapolando-o para o que Eugenio Barba (1995) entende como "extracotidiano", e calcada nas três ações de: tomar banho, escovar os dentes e lavar as mãos. Com a prática pudemos verificar que as ações cotidianas possuem relações com determinadas situações, em que algumas, na pandemia, tornaram-se quase ausentes, como o sair de casa (observado em nosso grupo), onde fizemos entrecruzamento diretamente com a ação de “escovar de dentes”; pois notamos que, durante a pandemia, escovávamos menos os dentes, devido ao fato de não sairmos de casa. Ligada a essa “ausência” uma nova consciência apareceu, a consciência de perceber essas relações entre as ações, hábitos e situações. A percepção entrou em um espaço de manipulação ao repetirmos as ações cotidianas? Levar as ações para a cena é uma forma de ressignificação ou de falsa ideia de ressignificação? Para tentar responder essas perguntas, compreendemos que podemos inserir a própria atuação e treinamento do/a ator/atriz/performer nesse corpo/espaço cotidiano e “extracotidiano” de intenção e percepção, como Richard Schechner (2006) implica também o próprio ato de performar. As sensações do consciente ou dessa busca do consciente, trazidos do corpo cotidiano permitem

concentrações, temporalidades, intensidades e percepções diferentes, sendo elas solo e/ou inter-relacionadas com um coletivo, nos permitindo um grande laboratório de pesquisa para a cena, abrangendo cotidiano, extracotidano, ações corriqueiras e cena.